

## Família, capital social e migração: a diáspora haitiana

*Adriano Alves de Aquino Araújo*<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo discute especificidades do projeto migratório haitiano relacionado às redes familiares. Objetiva-se compreender o que leva imigrantes haitianos a manter laços tão vigorosos com o país de origem, com destaque para os retornos temporários, mesmo em casos de escassas condições financeiras. Tal indagação surgiu a partir de trabalho de campo realizado entre imigrantes haitianos na Região Metropolitana de São Paulo entre os anos de 2014, 2015 e 2019. O presente trata-se de uma pesquisa teórico-exploratória, cujo levantamento e análise bibliográfica busca reflexões acerca do tema observado em campo. Os resultados apontam para a importância fundamental dos laços familiares entre os haitianos, que tomam a família como capital social primordial, quando migram. Deste modo, em torno da questão familiar gravita uma série de aspectos, como obrigações morais, afetivas e financeiras, além de aspectos culturais e religiosos que fomentam a ligação constante com o país de origem, e inclusive o retorno.

**Palavras-chave:** Família. Migração. Haiti. Capital social.

## Family, social capital and migration: the Haitian diaspora

**Abstract:** The article discusses specificities of the Haitian migratory project related to family networks. The objective is to understand what leads Haitian immigrants to maintain such strong ties with the country of origin, with emphasis on temporary returns, even in cases of scarce financial conditions. This question arose from the fieldwork carried out among Haitian immigrants in the Metropolitan Region of São Paulo between the years 2014, 2015 and 2019. The present is a theoretical-exploratory research, whose survey and bibliographic analysis seeks reflections on the theme observed in the field. The results point to the fundamental importance of family ties among Haitians, who take the family as their primary social capital when they migrate. Thus, around the family issue, a number of aspects gravitate. Among these,

---

<sup>1</sup> Doutorando do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Unesp, Marília-SP, Brasil (adriano.daquino@hotmail.com).

we can mention the moral, affective and financial obligations, in addition to cultural and religious aspects. Such aspects encourage constant connection with the country of origin and even return.

**Keywords:** Family. Migration. Haiti. Social capital.

## Família, capital social y migración: la diáspora haitiana

**Resumen:** El artículo analiza las especificidades del proyecto migratorio haitiano relacionado con las redes familiares. El objetivo es comprender qué lleva a los inmigrantes haitianos a mantener vínculos tan fuertes con el país de origen, con énfasis en los retornos temporales, incluso en casos de condiciones financieras escasas. Esta pregunta surgió del trabajo de campo realizado entre inmigrantes haitianos en la Región Metropolitana de São Paulo entre los años 2014, 2015 y 2019. El presente es una investigación teórico-exploratoria, cuya encuesta bibliográfica y análisis busca reflexiones sobre el tema observado en el campo. Los resultados apuntan a la importancia fundamental de los lazos familiares entre los haitianos, quienes toman a la familia como su principal capital social cuando migran. De esta forma, en torno al tema familiar, gravitan una serie de aspectos, como las obligaciones morales, emocionales y financieras, además de los aspectos culturales y religiosos que fomentan la conexión constante con el país de origen, e incluso el retorno.

**Palabras clave:** Familia. Migración. Haití. Capital social.

### Introdução

O Haiti pode ser considerado um país de cultura migratória, onde historicamente os fluxos migratórios são retroalimentados de forma complexa, de modo que, os emigrados possuem grande importância cultural, social e econômica para o país. A comunidade emigrada, conhecida entre os haitianos como “diáspora”, é bastante heterogênea, sendo dividida basicamente entre *ti diaspora* – aqueles radicados em países subdesenvolvidos – e *gwo diaspora* – radicados em países desenvolvidos (HANDERSON, 2015).

Percebe-se a importância dada pelos emigrados ao retorno a passeio ao Haiti, sendo que o mesmo é parte importante do projeto migratório haitiano, acontecendo mesmo quando as condições financeiras não são abundantes. Tal importância foi constatada

entre imigrantes haitianos radicados em Santo André, no ABC Paulista, por ocasião de trabalho de campo etnográfico por nós realizado entre os anos de 2014 e 2015, como base para a elaboração de dissertação de mestrado<sup>2</sup>, defendida em 2015, no Programa de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do ABC.

Além do trabalho de campo citado, retornamos ao campo para mais uma etnografia entre comunidades haitianas da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) no ano de 2019, com vistas à elaboração de tese de doutorado em Ciências Sociais a ser defendida em 2021 na Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp). O contato atualizado com os imigrantes nos possibilitou novos olhares sobre as questões que se seguirão. O presente artigo busca lançar luz sobre aspectos culturais haitianos que os levam a manter laços tão vigorosos com o Haiti.

Para tal, realizou-se uma pesquisa teórico-exploratória, cujo levantamento e análise bibliográfica fundamentam reflexões acerca das questões observadas em campo. Os resultados apontam para a importância fundamental dos laços familiares entre os haitianos, que tomam a família como capital social primordial, quando migram. Deste modo, em torno da questão familiar gravita uma série de aspectos que contribuem para a manutenção dos laços com o país de origem, como as obrigações morais, afetivas e financeiras com os familiares, bem como através de aspectos culturais e religiosos que possuem grande importância e influenciam o retorno temporário de muitos emigrados.

## O Haiti e a emigração

As difíceis condições de sobrevivência impostas aos haitianos pelo colonialismo e seus corolários têm levado a fluxos históricos de emigração. As primeiras emigrações em massa de haitianos que

---

<sup>2</sup> Premiada no I Concurso Nacional de Teses de Doutorado e Dissertações de Mestrado da Cátedra Sérgio Vieira de Mello (ONU/ACNUR, 2016).

se têm registro ocorreram rumo à Cuba<sup>3</sup> para o trabalho no corte de cana no início do século XX, sendo que parte foi deportada em decorrência da crise que afetou a indústria do açúcar (COUTO, 2009). A emigração para a vizinha República Dominicana também é histórica e cheia de tensões; nos anos 1930, por exemplo, havia um considerável número de haitianos vivendo no país, quando o ditador Rafael Trujillo ordenou a matança de 17 a 30 mil cidadãos dessa nacionalidade (MARTIN; MIDGLEY E TEITELBAUM, 2002; ROSA, 2006).

Nos anos 1960, Bahamas, Estados Unidos (Miami), Guadalupe e Guiana Francesa passaram a receber imigrantes haitianos para o trabalho na construção civil e na agricultura. A ditadura Duvalier<sup>4</sup> (1957 – 1986) também foi responsável por uma expressiva saída de haitianos do país, sendo esse fluxo composto principalmente por políticos, intelectuais e estudantes que se opunham ao regime e buscavam asilo em países como Canadá, França e Estados Unidos (JACKSON, 2011).

---

<sup>3</sup> Couto (2009) apresenta detalhes da imigração haitiana para o país em seu artigo: “A presença dos imigrantes antilhanos em Cuba (1910-1952)”. A autora detalha o episódio da deportação dos antilhanos no final dos anos 1920, apontando o papel da mídia na construção de uma imagem negativa relacionada aos haitianos em Cuba a partir da religiosidade vodu.

<sup>4</sup> Temendo o avanço socialista na região, os Estados Unidos passaram a apoiar uma série de golpes de Estado em toda a América Latina e Caribe. No Haiti o candidato apoiado foi o médico François Duvalier, conhecido como “Papa Doc”, que após ser eleito em 1957, dissolveu o Congresso e autoneomeou-se presidente vitalício. François governou o país até sua morte, em 1971, quando seu filho Jean-Claude Duvalier, ou “Baby Doc”, assumiu o poder, governando o país ditatorialmente até ser deposto em 1986. As quase três décadas da dinastia Duvalier foram marcadas por violência, mortes e corrupção. Os “Tontons Macoute”, oficiais da polícia Douvaleriana, eram encarregados de vigiar e punir violentamente os opositores do governo. A família Duvalier enriqueceu-se à custa de desvios da receita do país e de rendas provenientes de máfias estadunidenses. O regime de Jean-Claude foi caracterizado, além disso, pela liberalização econômica do país através da instalação de indústrias manufatureiras norte-americanas, principalmente têxteis e de vestuário (LOUIDOR, 2013).

Outro fluxo que ganhou muito destaque foi o dos *boat people*, jovens em sua maioria que, sem esperanças de um futuro melhor no país, lançavam-se ao mar em embarcações improvisadas rumo à Flórida. Stepick (1982) realizou um detalhado trabalho etnográfico junto a haitianos que chegaram aos EUA solicitando asilo político. Em suas conclusões, os Estados Unidos discriminavam os cidadãos haitianos negando-lhes o direito de asilo – concedendo-o preferencialmente a cidadãos provenientes de países governados por regimes de esquerda, como Cuba.

De 1990 em diante, a pobreza aumentou no Haiti, sobretudo após o declínio da agricultura familiar. Com isso, as migrações de haitianos à República Dominicana, que eram costumeiramente sazonais – para o corte da cana-de-açúcar – passaram a ter um caráter mais definitivo, com a permanência de haitianos em lavouras de longa temporada. Outros se mudaram para zonas urbanas, empregando-se na construção civil e no setor de serviços “principalmente informal”.

Até a primeira década do século XXI os destinos mais tradicionais da emigração haitiana eram Estados Unidos, Canadá, República Dominicana, Cuba e França. Contudo, a partir de 2010, uma série de fatores – dentre os quais o terremoto que assolou Porto Príncipe e arredores – contribuíram para que países sul-americanos fossem incorporados pela diáspora haitiana, como Brasil e Chile, por exemplo.

O Haiti é considerado um dos países menos resistentes a desastres naturais no mundo, cuja vulnerabilidade está relacionada a aspectos socioeconômicos, o que inclui taxa de pobreza, insegurança alimentar e instituições públicas fracas, bem como a avançada degradação ambiental em curso no país (PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO, 2014). Tal vulnerabilidade abre margem para acontecimentos catastróficos impulsionados por variações climáticas e fenômenos naturais. Télémaque (2012) aponta que mais de 3 mil pessoas morreram em desastres naturais ocorridos entre 2004 e 2008 no Haiti.

A importância dos emigrados e da emigração aumenta ao passo que as crises se sucedem e as condições de vida se deterioram.

“No Haiti, as pessoas costumam dizer ser quase impossível encontrar uma *kay* (casa) ou uma família haitiana não tendo algum membro *aletranje/lòt bò dlo*, isto é, no exterior” (HANDERSON, 2015, p. 184). As comunidades no exterior ganharam tanta importância que são conhecidas como o “departamento onze<sup>5</sup>”. Segundo informações do *Institut Haïtien de Statistique et d’Informatique* (2014) a população estimada do Haiti seria de 10. 413. 211 pessoas, sendo que as estimativas acerca do número de haitianos emigrados variam entre 2 e 4 milhões e meio de pessoas (VALLER FILHO, 2007; TÉLÉMAQUE, 2012).

### Capital social e migração

Nesta seção tomaremos por base o sociólogo francês Pierre Bourdieu por considerar que seu referencial construtivista estruturalista auxilia de modo satisfatório na compreensão das questões aqui propostas. Assim sendo, as análises que se seguirão estarão orientadas a partir da ideia de capital social mobilizada pelo autor.

Bourdieu (2001) aponta que a teoria econômica comumente reduz o universo das relações sociais a trocas comerciais, definindo implicitamente todas as demais formas de intercâmbio social como relações não econômicas. Contudo, a troca comercial é uma dentre diversas formas possíveis de intercâmbio social; coisas aparentemente não venais possuem seu preço e a dificuldade em convertê-las em dinheiro reside no fato de que não necessariamente são fabricadas a partir de interesses econômicos.

O capital apresenta-se fundamentalmente de três modos: econômico, cultural e social. O capital social é constituído pelos recursos associados à posse de uma rede duradoura de relações mais ou menos institucionalizadas de conhecimento e reconhecimento mútuo. O capital total que os membros individuais do grupo

---

<sup>5</sup> O Haiti é dividido geopoliticamente em dez departamentos: Artibonite, Centre, Grand’Anse, Nippes, Nord, Nord-Est, Nord-Ouest, Ouest, Sud, Sud-Est.

possuem serve a todos conjuntamente, fazendo-os “merecedores de crédito” (BOURDIEU, 2001).

Do pertencimento aos grupos derivam-se ganhos materiais, como por exemplo, favores e benefícios simbólicos. Tal pertencimento mostra-se basilar no projeto migratório tanto dos argelinos estudados por Bourdieu, quanto dos haitianos. Os benefícios possibilitados pelas redes são diversos e extremamente importantes para a viabilidade da migração no contexto da precariedade estrutural que acomete o Haiti. Poder contar com alguém no Haiti – via-de-regra uma mulher – que fique com as crianças e se encarregue da educação delas, por exemplo, é uma das estratégias mais comuns de pais e mães que se lançam à emigração.

Bourdieu (2001) ainda sinaliza que a existência de uma rede de relações é o produto de estratégias individuais ou coletivas de inversão, consciente ou inconscientemente direcionadas a estabelecer e manter relações sociais que prometam, cedo ou tarde, um proveito. Nesse sentido, as relações casuais e incluso as de parentesco são transformadas em relações especialmente eleitas e necessárias, que acarretam obrigações. Desse modo, aqueles que partem também possuem obrigações com aqueles que ficam, seja através de remessas financeiras, presentes, notícias e/ou mesmo da possibilidade de “mandar buscar” outros candidatos elegíveis à migração.

Cada grupo possui formas mais ou menos institucionalizadas de delegação que lhe permite concentrar a totalidade do capital social nas mãos de um indivíduo ou de uns poucos. Ao representante em questão lhe é encomendada a tarefa de representar o grupo, de falar e atuar em seu nome e assim exercer um poder que transcende em muito sua capacidade individual. Por exemplo, no nível mais elementar de institucionalização, o cabeça da família (o *pater familias*, o primogênito ou o ancião) é reconhecido tacitamente como a única pessoa autorizada a falar em nome do grupo familiar em todas as ocasiões oficiais (BOURDIEU, 2001, p. 154).

Nas sociedades onde a falocracia<sup>6</sup> domina a ordem social, a figura do *pater familias* acaba, aparentemente, sendo assumida por mulheres, como na América Latina e no Caribe (THERBORN, 2006), e em específico no Haiti (JOSEPH, 2015).

### Família e papéis de gênero no Haiti

Kuyu (2004) defende que existe uma forte relação entre o padrão familiar haitiano e o africano, sendo acima de tudo comunitário e baseado no compartilhamento. A família haitiana inclui não apenas os cônjuges e seus filhos menores, mas também todos os parentes que vivem com eles sob o mesmo teto. Entre esses parentes podem constar familiares consanguíneos ou não, e até mesmo amigos e vizinhos<sup>7</sup>.

Joseph (2015) dá conta da disseminação do *plaçage*<sup>8</sup> nas uniões conjugais haitianas. A autora recorre à Rémy Bastien, em *Le paysan haïtien et sa famille*, de 1951, para compreender as origens das formas de coabitação informais<sup>9</sup> no Haiti. Segundo o autor, tais formas de coabitação remontam ao período independentista,

---

<sup>6</sup> A falocracia constitui-se em uma ideologia binária que postula que o sexo masculino concede aos homens um protagonismo natural de exercício de poder sob o sexo feminino em diversas esferas.

<sup>7</sup> Importa lembrar que em “As estruturas elementares do parentesco” (1949), Lévi Strauss apresenta a família como um sistema de representações socialmente construído, rompendo com a ideia do parentesco burguês consanguíneo como paradigma de compreensão da família no mundo.

<sup>8</sup> De acordo com o jurista congolês Camille Kuyu, o *plaçage* representa a manutenção do casamento tradicional africano entre os haitianos. Segundo Kuyu (2004), tal união pode se dar de modo monogâmico ou poligâmico, sendo o reconhecimento legal dado ou não de acordo com o país. No caso do Haiti, o *plaçage* (monogâmico ou não) é interpretado como concubinato, não sendo amparado pela legislação do país. Deste modo, as pessoas que vivem em *plaçage* não são amparadas pela lei em questões como partilha de bens ou qualquer tipo de auxílio em caso de separação.

<sup>9</sup> A coabitação informal seria a união não registrada e reconhecida legalmente pelo Estado haitiano.

em que, embora as mulheres fossem maioria, os homens receberam a propriedade das terras, levando-os a atrair muitas mulheres para o cultivo agrícola em suas propriedades. Com o passar do tempo seguiu-se o costume, de modo que os agricultores tinham várias mulheres a depender também da necessidade de mão de obra. Tais mulheres passaram a ser chamadas de *fanm jaden*<sup>10</sup>, as quais o camponês podia manter ao lado de uma “mulher principal”.

Serge Vieux, em sua obra *Le plaçage, droit coutumier et famille en Haïti*, de 1989, defende que não há dúvidas de que o *plaçage* é uma prática importada da África, que passou por adaptações de acordo com a realidade haitiana, expandindo-se para as cidades a partir do êxodo rural dos camponeses<sup>11</sup> (KUYU, 2004).

Therborn (2006) aponta que a colonização ibérica nas Américas, assentada sobre hierarquias étnico-raciais, contribuiu para a consolidação de um sistema familiar particular denominado crioulo. Tal sistema caracteriza-se por relações sexuais e familiares com presença intermitente por parte do homem, o que se deu devido a uma cultura de classe dominante essencialmente patriarcal (mais forte do que no continente europeu ocidental de origem) e uma cultura popular falocrática, de não-casamento e domicílios matrifocais muito disseminados.

De modo geral, a estrutura social vigente nas sociedades patriarcais atrela a mulher à figura masculina, havendo pressão para que as mesmas se casem e constituam família, contudo, o sistema falocrático subverte obrigações e deveres tradicionalmente estabelecidos pelo patriarcalismo em relação aos homens, de modo que, muitas vezes, as mulheres acabam desamparadas pelos companheiros. Therborn (2006) elenca sociedades patriarcais da África e do Oriente Médio que, embora aprovelem a poligínia<sup>12</sup>, possuem controles sociais rígidos quanto às responsabilidades masculinas para com cada uma das famílias constituídas.

---

<sup>10</sup> Mulher do campo (tradução nossa).

<sup>11</sup> No final dos anos 1980, mais de 80% dos casais haitianos se vinculavam matrimonialmente através do *plaçage* (VIEUX, 1989 apud KUYU, 2004).

<sup>12</sup> Termo referente à prática do homem de contrair matrimônio com mais de uma esposa.

Joseph (2015, p. 87) pontua as dificuldades e a sobrecarga da mulher a partir da divisão sexual do trabalho, que libera os homens do trabalho doméstico, por exemplo. Direcionando o enfoque ao Haiti, a autora sublinha que existe inclusive um ditado popular que expressa nitidamente tal divisão: “*Gason pa gen pitit, se fanm ki gen pitit*”, que em tradução livre seria: “Os homens não têm filhos, são as mulheres que têm filhos”, ou seja, de acordo com o costume, a tarefa de criação deve recair sobre elas. Ao trabalho doméstico, acrescenta-se o trabalho profissional e o trabalho comunitário, realizado via-de-regra voluntariamente, visando suprir a demanda por serviços sociais cada vez mais negligenciados pelo Estado no contexto da globalização neoliberal (MESTRUM, 2003; BELOTTI, 2009 apud JOSEPH, 2015).

Joseph (2015) também chama a atenção para a questão do controle inadequado da mulher sobre sua reprodução, o que dentre diversas implicâncias favorece que a cada ato sexual uma criança possa ser gestada. A autora aponta que famílias matrifocais com filhos de diferentes pais são comuns tanto nas cidades quanto no campo<sup>13</sup>. Desrosiers e Seguy (2011) apontam que, ter vários filhos de pais diferentes é resultado de dois fenômenos que incidem sobre as mulheres provenientes principalmente das camadas mais populares do país: 1) o abandono paterno e 2) a monogamia em série<sup>14</sup>.

As dificuldades de sobrevivência das camadas mais populares do país levam à prática da adoção de crianças por famílias

---

<sup>13</sup> Segundo a *Enquête sur les Conditions de Vie des Ménages Après le Séisme*, realizada em 2014, a cifra de famílias chefiadas por mulheres chegam a 45,5% nas cidades e 38,8% no campo (JOSEPH, 2015, p. 94).

<sup>14</sup> A monogamia em série configura-se num ciclo em que a mulher, mãe de um (ou mais) filho(s) abandonado(s), une-se a outro homem monogamicamente para criar seu(s) filho(s). Dessa relação pode nascer um (ou mais) filho(s), que pode(m) também acabar sendo abandonado(s) pelo progenitor. A mãe pode então reiniciar com um terceiro homem uma nova relação monogâmica na intenção de que os filhos das relações anteriores não cresçam “sem pai”. Dessa maneira, essas mulheres podem acabar tendo vários filhos de pais diferentes em um ciclo imprevisível de relações (DESROSIERS e SEGUY, 2011).

mais bem posicionadas social e economicamente, sobretudo da capital, como aponta Joseph (2015). Kuyu (2004) ressalta que a noção ocidental de adoção difere dos costumes haitianos, haja vista que, embora as necessidades da criança adotada passem a ser responsabilidade da família adotiva, não necessariamente a criança é registrada com o nome da nova família, podendo inclusive seguir mantendo laços com sua família de origem.

Segundo Kuyu (2004), entre os haitianos a solidariedade não depende do grau de consanguinidade, no entanto ela se dá em escala de prioridade, na qual pais e filhos se encontram em primeiro lugar, seguidos de irmãos, primos, sobrinhos e assim por diante. Existe uma obrigação moral em ajudar os seus, e caso não o faça, a sociedade o julgará por tal comportamento.

### **Os laços familiares como capital social primordial haitiano**

Os laços familiares representam um capital social primordial para os haitianos, capital este do qual se valem quando migram nacional e internacionalmente. O antropólogo haitiano Joseph Handerson realizou etnografia multilocal como parte de sua tese de doutorado defendida no Museu Nacional no ano de 2015. Seu trabalho buscou apreender os sentidos da diáspora na vida dos haitianos. Em trabalho de campo realizado em 2012 na cidade amazonense de Tabatinga, Handerson entrou em contato com o imigrante Reginald, cuja fala expressa o aspecto essencialmente comunitário-familiar do projeto migratório haitiano:

Cada haitiano é um mundo, cada haitiano não é simplesmente um haitiano [...]. Para enfrentar a situação atual do Haiti, da maneira que enfrentamos, não é para qualquer um [...]. Para o haitiano chegar aqui [...] não somente arriscou, mas também, fez sacrifícios. Ele deixa mulher para trás, deixa filhos para trás, por isso, não pode vir para cá para passar miséria também [...]. Ele tem o seu lar, tem mãe, tem irmão, tem irmã, eles podem ter parado um ano de colégio para juntar dinheiro e mandar ele [sic] viajar,

para ele chegar, trabalhar e ajudar-lhes [sic]. Se sou [sic] eu que devo morrer para os outros viverem bem, então, devo morrer, porque a morte não será em vão (HANDERSON, 2015, p. 182).

Os indivíduos que emigram são considerados porta-vozes do grupo; é estabelecida, deste modo, uma relação de compromisso e reciprocidade entre os que ficam e os que partem. A construção de um patrimônio no Haiti apresenta-se como forma de melhoria da condição familiar, sendo este objetivo quase sempre presente nos projetos migratórios dos haitianos.

Em trabalho de campo etnográfico por nós realizado em maio de 2019, em Santo André, o imigrante Jacquin<sup>15</sup> dizia ter duas casas alugadas no Haiti, quando uma interlocutora haitiana afirmou “ele realizou o sonho da maioria dos haitianos: ir ao estrangeiro e construir um patrimônio no Haiti”.

Outro interlocutor de Handerson (2015) foi Benjamin, que em uma das falas expressou uma vez mais o profundo caráter comunitário do projeto migratório entre os haitianos: “O espírito que o envia é um espírito de colaboração, uma fraternidade que consiste para nós em ir e ajudar a família [...] tentar uma vida melhor, não só para o indivíduo, mas sim, para toda a família” (HANDERSON 2015, p. 183).

Em se tratando da dinâmica do empreendimento migratório entre os haitianos, diversas variáveis são levadas em consideração no tocante à escolha do membro do grupo que irá partir. Handerson (2015) aponta que tais variáveis incluem o grau de parentesco do candidato, bem como o capital social e intelectual deste, sua conduta, honestidade, caráter e etc. Em trabalho de campo por nós realizado em agosto de 2019, no bairro de Guaianases, em São Paulo, tivemos contato com a expressão “*moun fini*”<sup>16</sup>, que

---

<sup>15</sup> Optou-se por manter a identidade de todos os imigrantes contatados em nosso trabalho de campo no anonimato, deste modo os nomes citados são fictícios.

<sup>16</sup> Em tradução livre a expressão equivale aproximadamente a “perdido”,

na ocasião estava sendo empregada pelo imigrante Louis para designar àqueles que após a migração “envergonham a família”.

Entre os evangélicos haitianos, especialmente os de orientação pentecostal, envergonhar a família pode estar associado a uma infinidade de questões relativas a não observância da doutrina religiosa, contudo, associa-se também àqueles que não cumprem com as obrigações em relação ao grupo, deixando de dar notícias ou enviar dinheiro, por exemplo.

Buscando evitar tais dissabores, o grupo procura assegurar-se de que o candidato à emigração irá manter os mecanismos da migração<sup>17</sup> (mandando buscar outros integrantes do grupo, por exemplo), mas que, sobretudo, tenha capacidade de estabelecer-se no destino, tendo êxito na empreitada. “Mandar buscar” faz parte da estratégia grupal de maximização dos ganhos com a emigração, pois, um novo emigrado, diminui a carga de responsabilidade sobre o emigrado pioneiro, uma vez que, tende a se responsabilizar pela própria manutenção e a ajudar o primeiro a enviar mais recursos para a origem. Na origem, além de diminuir o número de dependentes, aumentará o valor das remessas monetárias que chegam.

Tal dinâmica pôde ser apreendida a partir da situação de Pierre, imigrante haitiano entrevistado em setembro de 2014 em Santo André (SP):

[...] apesar das dificuldades enfrentadas no Brasil [...] encorajaria familiares interessados em migrar a virem, pois [...] ajudaria a melhorar as condições financeiras da família como um todo, já que no Haiti muitos estão

---

“arruinado”, “derrotado”.

<sup>17</sup> Em “A imigração ou os paradoxos da alteridade” (1998), o sociólogo argelino Abdelmalek Sayad trata dentre tantos temas, das diversas instâncias relacionadas à reprodução da emigração, como as condições de atração e repulsão, a criação da “cultura migratória”, a consolidação de imagens relativas ao destino em oposição à origem, bem como a atuação das redes de contato e as relações de reciprocidades que fazem parte de todo o processo.

desempregados. [...] sua situação financeira atual no Brasil não é boa, no Haiti as condições dos que ficaram também não, mas se ele continuar sozinho a mandar dinheiro para os seus familiares que lá estão, nem a situação dele irá melhorar, nem a dos que estão no Haiti, uma vez que para ambas as realidades o dinheiro ganho é insuficiente. [...] vindo mais gente, mais gente trabalhará para que as condições melhorem tanto para os que estarão no Brasil, como para os que seguirão no Haiti (ARAÚJO, 2015, p. 103-104).

Ter um emigrado no grupo garante a dinamização das relações de reciprocidade deste, bem como o considerável aumento das oportunidades de vida para os diversos indivíduos que dele fazem parte. A ideia da gestão transmigratória é a de possuir membros do grupo em diversas partes do mundo trabalhando em conjunto para o fortalecimento e estabelecimento deste grupo na origem comum, para tal, sempre haverá um “cabeça” que permanecerá na origem fazendo a gestão dos recursos provenientes dos emigrados, deste modo, *“a viagem reforça e reorganiza as redes sociais e familiares”* (HANDERSON, 2015, p. 186).

Em julho de 2019, em novo trabalho de campo realizado em Santo André, reencontramos Pierre em um evento da comunidade haitiana. Passados aproximadamente quatro anos desde a última vez que havíamos nos visto, em 2015, sua vida havia mudado consideravelmente. O casal de amigos haitianos com quem ele vivia em Santo André havia se mudado para os Estados Unidos em 2016 e no mesmo ano ele conseguiu trazer sua mulher e sua filha, do Haiti. No Brasil o casal “formalizou” a união, casando-se tanto na igreja, quanto no civil, e em 2018 tiveram mais um filho, de modo que, Pierre trouxe sua mãe do Haiti para auxiliar a esposa com as crianças. Deste modo, embora a “cabeça” da família tenha saído do Haiti, continua cumprindo sua função, em contato constante com os diversos familiares que a ela se remetem tanto no Haiti (em Jacmel e Porto Príncipe), quanto no exterior (Canadá e Estados Unidos).

Além do contato constante com os familiares – facilitado consideravelmente a partir do advento dos smartphones – muitos haitianos emigrados consideram as viagens a passeio ao Haiti como parte do projeto migratório. Sendo assim, muito comumente ao indagarmos imigrantes quanto ao retorno, eles já tinham estipulado quanto tempo gostariam de passar no Brasil até voltarem a turismo ao país de origem, como pode-se perceber no trecho a seguir<sup>18</sup> :

“[...] eu quero voltar para visitar minha família, visitar lugares e voltar para cá. [...] Mesmo que não saia meu RNE, nesse final de ano eu vou lá para ver minha família. [...] Se no final de dezembro eu não tiver dinheiro suficiente para comprar passagem cara, até 2015 eu vou lá” (Marck; migrou em janeiro de 2013).

Jean, um informante haitiano radicado em Santo André, deu conta de que sempre presenciou haitianos emigrados em diversas partes do mundo, retornarem ao Haiti para recorrer ao vodu para a realização de trabalhos espirituais de diversas ordens. A ligação com o vodu é tão forte, que um de seus conhecidos, que havia chegado ao Brasil há pouco tempo – e tocava bateria em uma igreja evangélica – voltou repentinamente ao Haiti com o pretexto de que necessitava de tratamento médico. Jean afirmou, no entanto, saber que sua volta ao Haiti estava ligada à cura pela prática do vodu<sup>19</sup>.

A volta deste jovem migrante em um período curto de migração, em que provavelmente não havia recuperado os gastos empreendidos no projeto migratório, revela a intensidade da ligação e da crença na eficácia do suposto tratamento a partir do vodu, ainda mais quando se trata de uma prática que vai de encontro a tudo o que a religião atual prega.

Em campo realizado em abril de 2019 tal questão voltou a aparecer através da experiência de René, imigrante haitiano

---

<sup>18</sup> Entrevista realizada em setembro de 2014 em Santo André, São Paulo.

<sup>19</sup> Cf. ARAÚJO (2015, p. 118).

radicado em Santo André, que em experiência migratória anterior na República Dominicana, sentiu a necessidade de regressar ao Haiti por conta de um problema de saúde que só poderia ser sanado por intermédio de sua avó<sup>20</sup>. Percebe-se, deste modo, que a manutenção dos laços entre os emigrados com o Haiti passa por uma serie de obrigações familiares, havendo pressão social para o cumprimento destas, bem como através de uma série de crenças e aspectos culturais-religiosos que fomentam a ligação constante e os retornos.

### Considerações finais

Buscou-se no presente artigo compreender a temática da família e da migração como dimensões indissociáveis na diáspora haitiana. Na abordagem relativa à família haitiana, chama-nos a atenção a questão da disseminação da matrifocalidade forçada pelo abandono paternal. Camille Kuyu apresenta o *plaçage* como uma expressão haitiana da união estável tradicional africana, que originalmente podia ou não ser poligâmica a partir de acordos diversos. Rose-Myrliè Joseph entende que a conformação do *plaçage* no Haiti se deu a partir de uma necessidade surgida de mão de obra para o cultivo das terras distribuídas à minoria masculina no Haiti pós-independente.

O conceito de falocracia auxilia-nos na compreensão da disseminação da matrifocalidade dos lares na América Latina, no Caribe e no Haiti, em particular. Tal sistema legitima a assimetria de poder com base em gênero como valor advindo do patriarcalismo, mas libera os homens das obrigações sociais impostas pelo mesmo patriarcalismo, como garantir a subsistência de sua família, por exemplo.

---

<sup>20</sup> Segundo uma informante haitiana, que acompanhou o relato, René estava acometido de “*cham*”, uma espécie de enfermidade intestinal que afeta homens vítimas de “trabalhos” relacionados a “amarrações amorosas”. Tradicionalmente o “*cham*” só pode ser desfeito por intermédio da mãe, da avó ou alguma anciã da família do acometido.

No Haiti, como apresentado pelos sociólogos Desrosiers e Seguy, pode ser observado um fenômeno relacionado à falocracia e suas dimensões na sociedade local, que seria a monogamia em série. A falocracia e a monogamia em série, como possível fator resultante, apontam para a matrifocalidade e a importância vital das mulheres na sociedade haitiana, o que inclui a migração e os múltiplos projetos migratórios.

Como apontado por um dos interlocutores de Joseph Handerson, dificilmente há haitianos que não possuam familiares vivendo no exterior, o que se explica pelas difíceis condições enfrentadas pelo país, fruto de séculos de colonialismo e exploração. As redes sociais são cada vez mais importantes para as migrações, haja vista as múltiplas barreiras impostas pelos países de recepção, bem como as condições nos países de origem, que dificultam a autonomia financeira dos indivíduos.

Buscou-se em Pierre Bourdieu a Teoria do Capital Social, sendo possível traçar paralelos com as redes de migração haitianas observadas no Brasil. A partir de excertos de nossas pesquisas de campo, bem como da pesquisa de Handerson, fica nítida a importância do capital social para os haitianos e o quão a migração está presente tanto para quem emigra quanto para quem fica, pois o projeto migratório representa um conjunto de atores e sempre duas faces da mesma realidade, como aponta Abdelmalek Sayad.

A possível extensão da família haitiana, associada às obrigações para com a família, a base familiar do projeto migratório haitiano e aspectos relativos ao sistema religioso e cultural contribuem para a elucidação da questão inicial referente à manutenção vigorosa dos laços entre os migrantes haitianos e o Haiti. Através da discussão teórica referente à família e aos papéis de gênero no Haiti, compreende-se que a presença da figura feminina é de extrema importância tanto para proporcionar as condições para a migração, como para a manutenção da mesma.

## Referências

ARAÚJO, Adriano Alves de Aquino. **Reve de Brezil: A inserção de um grupo de imigrantes haitianos em Santo André, São Paulo - Brasil**. 2015. 172 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas e Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do ABC, Santo André, SP, 2015.

BOURDIEU, Pierre. **Poder, Derecho Y Clases Sociales**. 2. ed. Bilbao: Desclée de Brouwe, 2001.

COUTO, Kátia. A presença dos imigrantes antilhanos em Cuba. **Revista Brasileira do Caribe**, São Luís, v. X, p. 131-162, 2009.

DESROSIERS, Michaëlle; SEGUY, Franck. Haiti: As violações coletivas da Minustah. **Diário da Liberdade**: Portal anticapitalista da Galiza e os países lusófonos, 19 set. 2011. Disponível em: [www.diarioliberalidade.org/america-latina/repressom-e-direitos-humanos/19674-haiti-as-violacoes-coletivas-da-minustah.html](http://www.diarioliberalidade.org/america-latina/repressom-e-direitos-humanos/19674-haiti-as-violacoes-coletivas-da-minustah.html). Acesso em: 14 abr. 2015.

HANDERSON, Joseph. **Diáspora: As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa**. 2015. 430 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2015.

JACKSON, Regine. Les espaces haitiens: remapping the geography of the haitian diáspora. In: JACKSON, Regine. **Geographies of the Haitian diaspora**. New York: Routledge, 2011.

JOSEPH, Rose-Myrliè. **L'articulation des rapports sociaux de sexe, de classe et de race dans la migration et le travail des femmes haïtiennes**. 2015. Tese (Doutorado em Sociologia e Estudos de Gênero) – Faculdade de Ciências Sociais e Políticas, Universidade de Lausanne, Lausanne, VD, 2015.

KUYU, Camille. Parenté et famille en Haïti: les héritages africains. **Africultures: les mondes en relation**, 29 fev. 2004. Disponível em: <http://africultures.com/parente-et-famille-en-haiti-les-heritages-africains-3299>. Acesso em: 25 fev. 2020.

LÉVI-STRAUSS, Claude. (1949). **As estruturas elementares de parentesco**. Tradução de M. Ferreira. Rio de Janeiro: Vozes, 1982.

LOUDOR, Wooldy Edosn. Crisis Política en Desarrollo. **Revista África - América Latina**, Logroño, n. 49, p. 121-126, 2011.

MARTIN, Philip; MIDGLEY, Elizabeth; TEITELBAUM, Michael. Migration and Development: Whither the Dominican Republic and Haiti. **International Migration Review**, New York, v. 36, n. 2, p. 570 – 592, 2002.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. **“Haiti” na estrada para à resistência às catástrofes**, 2014. Disponível em: [www.ht.undp.org/content/haiti/fr/home/ourperspective/ourperspectivearticles/2014/05/26/haiti-sur-le-chemin-de-la-resilience-aux-desastres](http://www.ht.undp.org/content/haiti/fr/home/ourperspective/ourperspectivearticles/2014/05/26/haiti-sur-le-chemin-de-la-resilience-aux-desastres). Acesso em: 26 abr. 2019.

ROSA, Renata de Melo. A Construção da desigualdade no Haiti: experiências históricas e situações atuais. **Universitas: Relações Internacionais**, Brasília, v. 4, n. 2, p. 1-24, 2006.

SAYAD, Abdelmalek. Elghorba: o mecanismo de reprodução da emigração. In: SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.

STEPICK, Alex. Haitian Boat People: A Study in the Conflict Forces Shaping U.S. Immigration Policy. **Law and Contemporary Problems**, Durham, v. 45, n. 2, p. 163 – 196, 1982.

TÉLÉMAQUE, Jenny. **Imigração haitiana na mídia brasileira: entre fatos e representações**. Rio de Janeiro, RJ, 2012. 84 f. Monografia (Trabalho de conclusão de curso) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2012.

THERBORN, Göran. **Sexo e Poder: A Família no Mundo 1900-2000**. São Paulo: Contexto, 2006.

VALLER FILHO, Wladimir. **O Brasil e a crise haitiana: a cooperação técnica como instrumento de solidariedade e de ação diplomática**. Brasília: Funag, 2007.